



Sociedade das Ciências Antigas



***A CRUZ
E SEU SIMBOLISMO***

POR DAVID R. CLARK, M.A., IX^o



THE CROSS AND ITS SYMBOLISM

***BY
DAVID R. CLARK, M.A., IX^o,
JUN. S. MAGUS, IN SCOTIÀ,
GLASGOW***



PREFÁCIO

O venerável Irmão D.R. Clark, M.A., J.S.M. IX^o. (na Escócia), leu um escrito sobre a Cruz e seu Simbolismo perante o Colégio de Newcastle, em Março, 1893. Este escrito deveria originalmente ser lido perante um Encontro Conjunto dos Colégios de Glasgow e Newcastle, em Dumfries, em Junho, 1892; infelizmente as reservas na estrada de ferro não permitiram que os Irmãos de Newcastle chegassem a tempo, agradeceram então a presença do B.W. Irmão Clark em Newcastle e ouviram o seu interessante discurso.

Embora reconhecendo graciosamente os valiosos dados apresentados por nosso estimado Irmão, nós não podemos definitivamente subscrever a todas as proposições ou deduções, e devemos lembrar aos Irmãos que o Comitê Permanente não é responsável por escritos de colaboradores.

Alguns dos argumentos de nosso Irmão parecem apoiar-se sobre a suposição de que não havia relação entre distantes nações na Era pré-Cristã, ou digamos mesmo previamente aos Séculos 14^o ou 15^o D.C.. Esta é uma opinião geralmente aceita, entretanto, não é de maneira alguma, passível de prova. Recentes achados de Moedas Romanas em solo Chinês jogam uma curiosa luz lateral sobre este ponto. Será também prontamente garantido que embora os Fenícios não tenham aparentemente conhecido a existência da América, ainda assim comercializavam com as Índias. Os Chineses e Indianos, com sua velha civilização, devem ter conhecido, e provavelmente conheceram a América; e a migração de um símbolo encontrado no Egito e na América Central, é assim facilmente explicado. Muitas hipóteses análogas, e talvez muitos fatos semelhantes, advirão à mente do leitor. Muitos reclamam a descoberta prévia da América; e a África foi circum-navegada antes que os Espanhóis repetissem este feito. Se nos lembrarmos da presença de auxiliares Asiáticos nas guarnições Nortumbrianas, a pedra “Escudos” bilíngüe e os trabalhos de Mitras nesta própria Província, deveríamos ter muito cuidado antes de nos apressarmos a qualquer conclusão definitiva com relação a migração dos símbolos.

Uns poucos erros escaparam a impressão separada, e estão revisados nesta edição, a maioria dos quais sendo óbvios não precisam ser referidos aqui. Na página 11, a gravação do bloco torna as letras Hebraicas confusas, as quais, para maior regularidade, são repetidas ao lado das correspondentes em Inglês.

Estará na memória da maioria dos Fratres que o "Gamadion" ou *Swastika*, referenciada na página 7, aparece ao longo da muralha Romana, vide pag. 59, vol. III, *Ars Quatuor Coron.*, e também nos papéis do Irmão Wm. Simpson (num volume anterior) na Migração dos Símbolos.

Com estas observações iniciais nós encaminhamos aos Irmãos um interessante escrito, gravando, ao mesmo tempo, o voto de agradecimento unanimemente adotado ao R.W. Irmão D.R. Clark.

A CRUZ E SEU SIMBOLISMO

1. - A CRUZ E OS QUATRO QUADRANTES

2. - O SIMBOLISMO DA CRUZ

1.- A CRUZ E OS QUATRO QUADRANTES

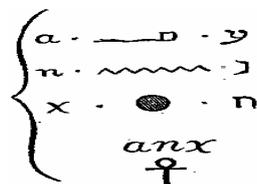
A Cruz é um dos símbolos mais universais, assim como um dos mais antigos, de cuja existência se tem conhecimento. É encontrada em monumentos do Egito, que chegaram até nosso tempo, com uma antiguidade de mais de 4.000 anos. A Cruz é encontrada em velhas esculturas da Babilônia e Nínive e em ruínas da Pérsia e da Índia. Tem sido utilizada como símbolo muito antes da Era Cristã em países então, totalmente desconhecidos uns dos outros e, tão distantes entre si como a China e o Peru. Tem sido usada como símbolo sagrado por povos antigos do México e da América do Norte,

pelos Druidas e bravos Nórdicos, pelas tribos errantes na Ásia Central e pelos habitantes das ilhas dos mares do Sul.



Embora amplamente difundida e tendo seu caráter universal prontamente admitido, é mais difícil entretanto, traçar o significado de seu simbolismo e a razão pela qual, em suas variadas formas, tenha em cada região um caráter mais ou menos sagrado.

Buscar sua origem, é portanto, uma tarefa de alguma forma difícil, mas na maioria das religiões, com as quais tenha uma maior ou menor conexão, tem sido associada à idéia de vida, e de vida renovada e renovada novamente, de ressurreição, ou de regeneração. Tem assumido diferentes formas, mas geralmente retém uma idéia que parece suportar seu simbolismo, que é, nominalmente, a Cruz era a marca da vida e sagrada por esta razão, ou servia para lembrar a seu usuário a mais maravilhosa coisa em toda a natureza, e era a causa de sua existência e de tudo que vivia em torno dele, ou servia como amuleto de proteção contra a antítese da vida, à qual ele temia acima de tudo. A idéia de “vida”, portanto, parece ter sido universalmente associada ao símbolo, e este era o seu significado, pelo menos em uma de suas formas mais primitivas, a da *Cruz Ansata*, ou *Cruz das Mãos* do Egito. Encontramos a Cruz Ansata entre os hieróglifos de todos os antigos monumentos egípcios e no Museu Britânico ela pode ser vista nas mãos dos deuses, assim como nas inscrições em suas estátuas. É o sagrado *tau* com uma volta superior, e é traduzida por “ankh” vida.



Ilustro a sua forma, a partir de uma gravura da Cruz Ansata, que retirei, no Museu Britânico, do Sarcófago de Psametichus, que representa sua forma mais geral e simples. Também fiz outra cópia do Obelisco de Nekhterhebi. Este obelisco ficava ante o templo de Thoth, na XXX Dinastia 378 A.C., e sua forma apresenta uma curiosa variação como pode ser vista na ilustração. A linha horizontal tem uma porção repetida em cada ponta, e a parte superior da linha perpendicular, no ponto onde faz a intersecção, parece o topo de um obelisco, o que pode indicar uma idéia solar. Este método de dar forma de ponta à linha perpendicular pode ser observado em outros monumentos, um dos quais eu ilustro do Sarcófago de Naskatu, XXVII Dinastia.

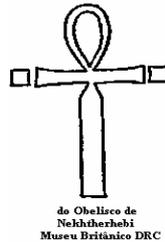


Sarcófago de
Psammeius
Museu Britânico
nº 1.047 DRC

Esta forma pontiaguda da linha perpendicular pode nos dar alguma indicação do sentido interno do símbolo o qual tem sido explicado como “o ‘lingam’ invertido, representando o poder paternal ativo

da divindade, a linha vertical derivando da natureza passiva e fertilizante do círculo, a linha horizontal”.

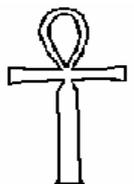
Sendo isto ou não a explicação correta do seu significado esotérico, não existe dúvida que a Cruz Ansata era o símbolo da “vida”. Pode-se observar que o *loop* ou círculo acoplado ao *tau* não é meramente usado como alça, como parece ser o caso quando segurado pelas mãos de deuses, mas o símbolo completo é visto freqüentemente segurado pela parte inferior do *tau*, como um objeto de adoração, com o círculo ou *loop* parecendo ser parte tão integrante do símbolo como o próprio *tau*.



Isto nos leva à questão do que se considerava que o *tau* era, e se o encontraríamos sendo utilizado por outras nações além dos Egípcios. Wilkinton, em seu “Ancient Egyptians”, referindo-se à origem do *tau*, disse que não podia determiná-la, mas menciona o notável fato de que os Cristãos o adotaram em lugar da cruz, que posterior-mente veio a substituí-lo afixando-o nas inscrições da mesma maneira que a cruz em tempos posteriores. Numa igreja Cristã, a leste do Nilo, existe a inscrição:

ΚΑΘΟΛΙΚΗ+ΕΚΚΛΗΣΙΑ.
 ΚΑΘΟ ΛΙΚΗ ΕΚΚΛΗΣΙΑ.

“Visita ao Grande Oásis” de Hoskin, Londres, 1837, *plate xii*



Sarcófago
de Naskatu
Museu Britânico
DRC

Gesenius em seu léxico, sob a palavra *tau*, explica o Hebraico como um *signo*, e cita Eze. 9:4. “Vá, através da cidade, no meio de Jerusalém, e coloca uma marca (um *tau*) sobre as frentes dos homens que vêm e choram por todas abominações que são feitas naquele meio”.



Agora, se lemos mais à frente, encontramos o que aconteceu a estes homens que tinham a Cruz *Tau* em suas frentes, no verso 6 - “Sacrifique completamente jovens e velhos, mulheres e crianças, mas não se aproxime de nenhum homem sobre o qual estiver a marca”. Aqui a Cruz ou *tau* na frente era o signo da vida.



Se investigarmos mais profundamente a forma do antigo *tau* Hebreu, saberemos que ele era uma simples cruz ou marca em forma de cruz, e como caráter Fenício ele tomava a forma seguinte:



Na Caldéia nós a encontramos novamente utilizada como símbolo sagrado em forma de Cruz ligada a uma corrente e pendurada em volta do pescoço conforme é exibida na “Stele of Samas-vol II.”, no Museu Britânico, onde a Cruz toma sua forma simples, lembrando então, uma de nossas jóias maçônicas. De maneira similar era também utilizada em volta do pescoço pelos Líbios e Sírios do Norte, como pode ser visto nas ilustrações do “Ancient Egyptians” de Wilkinson.



No México e Yucatan, no outro lado do globo, encontramos novamente a Cruz como um símbolo sagrado, e entre as ruínas de Palenque estão três lâminas esculpidas em baixo relevo; à esquerda e à direita estão hieróglifos, e no centro a Cruz sobreposta por uma cabeça de aparência estranha; acima da cabeça está um pássaro, e em ambos os lados há figuras em postura de adoração.

Nadaillac diz: “A existência da Cruz, em Palenque, em um dos monumentos de data anterior à introdução da Cristandade, não é um fato isolado”. Palacia, o assessor judicial, viu em Copan a Cruz com um de seus braços quebrados. O Jesuíta Ruiz menciona uma no Paraguai. Garcilase de la Vega menciona uma outra em Cuzco (no Peru). Por estes antigos povos Latino Americanos a Cruz era olhada como o símbolo do poder fertilizante da natureza, o símbolo doador da vida do princípio recreativo, e como tal era honrado com sacrifícios de codornas, incenso e água benta (água lustral).

Pode ser notado, de passagem, que existe uma maravilhosa semelhança entre alguns monumentos Mexicanos com aqueles do Egito, e a calma e plácida expressão das estátuas se parecem fortemente com aquelas vistas nas divindades Egípcias.

Chamaria a atenção aqui para uma curiosa ocorrência, não freqüentemente comentada, que uma ilustração de um vaso, no Museu Nacional do México, parece ser a mesma *Cruz Ansata* que aquela vista no Egito. Aqui nós vemos o *Tau* com o laço, e ele aparece de forma quase idêntica a que pode ser encontrada em alguns monumentos Egípcios. A Cruz, em Palenque sobre a qual me referi, não é, entretanto, a Cruz Ansata, mas é semelhante à Cruz ordinária a qual pode também ser encontrada pintada nas vestes dos antigos Mexicanos.

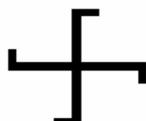


"Pre-historic-America"
Nadaillac pag-385

Antigas moedas Gaulesas eram circulares com uma cruz no meio, sendo de fato, rodas em miniatura, com quatro perfurações que formavam a Cruz; e o uso da Cruz em moedas nos tempos Pré Cristãos é fato bem conhecido.



A Cruz *tau* é também encontrada em restos monumentais Noruegueses, e a forma comum que a Cruz tomava era conhecida como Fylfot, que é a mesma que a *Swastika*, e nesta forma parece ter sido encontrada em todo o mundo.



Na Índia ela aparece na forma da *Swastika* Budista. De fato, os limites geográficos do emblema, em suas variadas formas, parece praticamente sem fronteiras. Foi encontrada em cerâmicas de Cyprus, em Herculaneum, no Egito, na Irlanda, na Escócia, e na Inglaterra. O Dr. Schliemann a desenterrou, em Mycenae, em botões de osso cobertos por folhas de ouro.

Nos tempos antigos a *Swastika* era utilizada como um símbolo sagrado, do mesmo modo que a Cruz Cristã, e é a isto que Longfellow alude quando nos diz como o Rei Olaf manteve o Natal em Dorontheim.



“O’er his drinking horn, the sign He made of the Cross Divine, as he drank, and mutter’ed his prayers but the Berseks evermore made the sign of the Hammer of Thor Over theirs.”

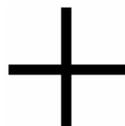
Sobre seu chifre de beber, o sinal da Cruz Divina Ele fez, enquanto ele bebia, e murmurava suas preces, mas os furiosos sempre fizeram, sobre os deles o sinal do Martelo de Thor.

Isto é relatado em uma das *Sagas*, e Longfellow o modernizou em seu poema.

A *Swastika* é considerada, por alguns arqueólogos, como a mais antiga forma da Cruz, e ela é precisamente a mesma quando é traçada sobre a fronte dos jovens Budistas, assim como também foi usada pelos Brahmanes. É chamada *Swastika*, o que significa o sinal da salvação, porque *Swasti* era na Índia, o que o sinal da Salvação é para os Cristãos. *Swasti* significa “bem isto é”, “Amem” ou “nossa benção esteja convosco”. Com este sinal o gado era marcado na Índia, especialmente o boi da vila, como o símbolo do poder fertilizante da natureza, com sua qualidade regenerativa.

O tema da *Swastika*, entretanto, abre um largo campo para investigação, sobre o qual nesta oportunidade, eu me refiro apenas de passagem.

Vou agora para uma outra forma mais simples da Cruz, a qual parece ser também bastante antiga, quero dizer a forma mais simples dela, como a mostrada à direita:



Esta é a que nós todos reconhecemos como a forma usual, e, ao olhar o trabalho de diversos autores, encontro esta forma simples, muito freqüentemente ilustrada.



No “Ancient Egyptians” de Sir Gardner Wilkinson, Vol I., página 246, pode ser vista uma ilustração de alguns dos povos com os quais os Egípcios estiveram em guerra, e na vestimenta de um Líbio pode-se ver claramente esta cruz por todo o vestido da figura, e, aparentemente tatuado em uma de suas pernas. Não menos interessante, é encontrar esta forma simples de Cruz também usada como amuleto, pendurado ao redor do pescoço de duas outras figuras do Kharu ou Sírios do Norte, e pode ser vista, também na mesma página em uma das figuras de Rut-en-nu ou Sírios do Leste, e a adoção da Cruz como ornamento no vestido, e amuleto pendurado em volta do pescoço por estas pessoas, mostra que a Cruz, em sua forma primitiva usual, já estava, como Wilkinson diz, “em uso tão cedo quanto no século quinze antes da Era Cristã.,” ou seja há quase 3.500 anos. A Cruz usada como amuleto, pendurada em volta do pescoço pode também ser encontrada nas lâminas de Nínive no Museu Britânico. Pode também ser encontrada em moedas Fenícias e restos esculpidos. M. Raoul Rochette ilustra através de um conjunto medalhas, o uso da Cruz na Fenícia. Muitas destas possuem um carneiro de um lado e uma cruz e anel do outro. Uma outra possui o touro sagrado também acompanhado pela Cruz, e uma terceira tem uma cabeça de leão de um lado e a cruz e círculo do outro. Desejo fazer notar particularmente aqui a associação destes símbolos com a Cruz, pois terei a oportunidade de me referir posteriormente a esta aparente peculiaridade no simbolismo.

O Trevo Branco da Irlanda tem sido considerado sagrado, e isto deriva da semelhança da sua forma com a Cruz; e entre os Druidas o braço longo da folha de trevo representava o caminho da vida, e as três folhas representavam os braços da Cruz, e as três condições do mundo espiritual: céu, inferno e purgatório; assim também como num velho trabalho Rosacruz em meu poder (“*Dreyzehn Geheime Griefe der goldenen und Rosenkreuzer*,” Leipzig, 1788) há um frontispício com a planta do Trevo Trifolium, o qual era o símbolo da Trindade Alquímica: Sal, Enxofre e Mercúrio, e com o qual grandes benefícios eram esperados, para a saúde e a riqueza. Estes, certamente como sabemos, na maior parte dos velhos trabalhos Rosacruzes, não significavam meramente benefícios materiais, mas eram símbolos de verdades, que estavam encobertas, em muitos casos, sob o simbolismo, e para as quais os símbolos serviam somente para ocultar estas verdades.

2. - O SIMBOLISMO DA CRUZ

A Cruz como um símbolo, pode ser trilhada muito longe no passado da história humana, como já mostrei, mas seus significados esotéricos e origem são mais difíceis de esclarecer. Entretanto, se investigarmos os mitos mais primitivos que chegaram até nós, poderemos achar que ela está mais ou menos identificada com as quatro direções ou quatro pontos cardeais, Oriente, Sul, Ocidente e Norte.

Quando o homem primitivo observou acima dele o firmamento, percebeu que as constelações circulavam através de um movimento contínuo em volta de um ponto central, a estrela polar, e que perto dela existiam sete estrelas brilhantes, a Ursa Maior, que circulava em torno deste centro. Este foi o primeiro círculo demarcado sem dúvida e identificado com os quatro pontos cardeais; este círculo foi designado pelos antigos Egípcios de Teb, a “Mãe das Revoluções”. Através desta constelação marcaram-se os quatro pontos cardeais, à medida em que esta apontava sucessivamente Sul, Leste, Norte e Oeste em sua revolução anual.

Quatro tipos foram designados para a Mãe em sua forma estrelada as quais eram representações dos quatro elementos, sendo estes: Hipopótamo para a água, Macaco para o ar, Leão para o fogo e Crocodilo para a terra; e ao Sul, o lugar do fogo e do calor, ela era representada pela Leoa; para o Leste ela era o Macaco da respiração; para o Norte, o lugar das águas, ela era a Vaca da Água ou Hipopótamo; e para o Oeste, o Crocodilo, engolidor da terra. Nestas formas ela era a quádrupla deusa dos elementos, e identificada com os quatro pontos cardeais.

A partir desta origem, com toda probabilidade, procede o Zodíaco dos tempos primordiais, pois encontramos a idéia, não vinculada a nenhum povo, mas comum aos mitos primitivos de muitos povos. Sem dúvida o homem primitivo observou que quando a posição desta constelação apontava sucessivamente para os quatro quadrantes, isto correspondia às quatro estações do ano, e assim, também, o movimento diário do sol nos céus veio mais tarde a ser identificado com as constelações principais, das quais os quatro tipos eram a origem. O Leste era tomado como o princípio, e o Oeste como o fim do mundo, e aqui se pode notar que em todas as mitologias, o Oeste tem sido conectado com Hades e com o portão do Sub-Mundo. Lá o sol era enterrado cada noite na medida em que se afundava na escuridão - lá se acreditava que ele morria - e passava por um outro estado antes de levantar-se regenerado na manhã seguinte.

Quatro tipos foram identificados com os quatro quadrantes ou pontos cardeais, e estes tipos primordiais que encontramos no Egito podem ter variado um pouco em outros países, mas substancialmente eles permaneceram os mesmos. Eles aparecem na besta quádrupla da Visão de Ezequiel, e nos simbólicos quatro do Apocalipse. O Leão, o Novilho, a Águia e o Homem, ou na forma de Querubim do Leão, o Touro, a Águia e o Homem.

No Livro das Revelações encontramos os quatro guardiões ou espíritos, e os quatro quadrantes, onde eles são chamados no Capítulo VII: “Quatro Anjos em pé nos quatro cantos da terra segurando os quatro ventos da terra; e com estes eram associados ”as quatro bestas cheias de olhos, na frente e atrás, e a primeira besta era como o leão, a segunda besta era como um novilho, e a terceira besta tinha a face de um homem, e a quarta besta era como uma águia em vôo, e as quatro bestas tinham suas próprias asas sobre eles”. Compare isto com as “quatro criaturas vivas” de Ezequiel. Os quatro tinham a face de um homem e a face de um leão, do lado direito, os quatro tinham a face de um touro do lado esquerdo, os quatro tinham também a face de um águia, e, e à semelhança das criaturas vivas, sua aparência era como carvões de fogo queimando e parecidos com a aparência de círios.

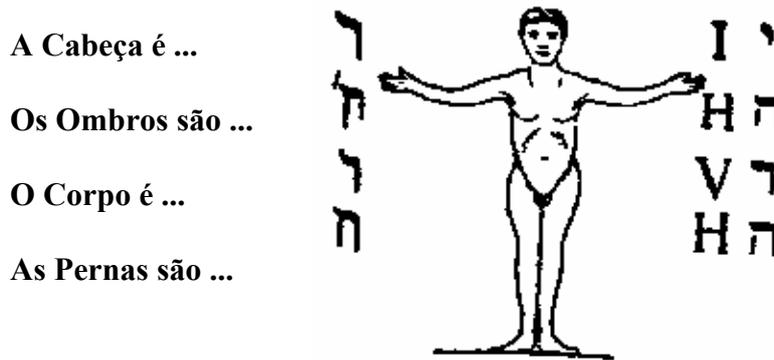


Na Cabala, sob o ponto de vista Sefhirótico, estão classificadas as ordens angélicas de ChIVTh HQDSh - Chaiot Ha-Quodesh, sagradas criaturas vivas, representadas pelos quatro signos: o Touro,

Leão, Águia e Homem, correspondentes a *Touro*, *Leão*, *Escorpião* e *Aquário*. Escorpião, como um bom emblema, era simbolizado pela Águia; como um mau emblema pelo Escorpião, e como uma natureza mista, pela Serpente.

Estes emblemas, na Visão de Ezequiel, suportam o trono da Divindade onde o Homem Celestial está sentado: o Adão Kadmon, a imagem sephirótica, e o “mistério do Ser celestial e imortal,” e portanto o homem foi criado como a imagem de Deus sobre a terra.

O Tetragramaton é encontrado na forma do corpo do homem, então:-



Obs: O artista que desenhou o clichê acima, infelizmente enganou-se com as letras Hebraicas, e as fez, ao invés de I (iod) H (he) V (vau) H (he), à esquerda V (vau) CH (chet) V (vau) CH (chet) e I H R H à direita.

Os quatro animais são os poderes corporificados das quatro letras do Tetragramaton operando sob a presidência da primeira Sefhira como a mola-mestra ou *primum mobile* da criação.

As quatro rodas da Visão de Ezequiel são correlatas, sob a segunda Sefhira, aos quatro lados, nominalmente, os quatro elementos de ar, fogo, água e terra. (“Kabbala Denudata,” Mathers.)

Quatro espíritos se mantêm, quatro poderes presidem, quatro ventos sopram, e quatro águas fluem, nos quatro pontos cardeais, nos quatro cantos dos mitos do mundo.

O povo Judeu, quando viajava no deserto, costumava acampar em volta do tabernáculo, em quatro divisões de três tribos cada, ao Norte, Sul, Leste e Oeste. Estas quatro divisões tinham quatro estandartes, simbolizando o Homem, o Leão, o Touro e a Águia, e se investigarmos mais profundamente, encontraremos nos símbolos das doze tribos os signos do zodíaco.

O Rev. C.H. Malden nos dá como:

Ao Leste	Judah	...	Leão	...	Gen. xlix., v. 9.
	Issachar	...	Asno	...	Gen. xlix., v.14.
	Zebulon	...	Um Navio	...	Gen. xlix., v.18.
Ao Sul	Reuben	...	Água	...	Gen. xlix., v.4.
	Simeon	...	Espadas	...	Gen. xlix., v.5.
	Gad	...	Uma Tropa	...	Gen. xlix., v.19.
A Oeste	Ephraim	...	Touro	...	Deut. xxxiii., v.17.
	Manasseh	...	Vinha	...	Gen. xlix., v.22.
	Benjamin	...	Lobo	...	Gen. xlix., v.27.

Ao Norte	Dan	...	Serpente	...	Gen. xlix., v.17.
	Asher	...	Taça	...	Gen. xlix., v.20.
	Naphtali	...	Corça	...	Gen. xlix., v.21.

Faria notar aqui que o tabernáculo está similarmente cheio de simbolismo. Tomemos, por exemplo, as cortinas do santuário e a porta. Estas são feitas de “azul, púrpura, escarlata e de fino algodão entrelaçado,” simbolicamente: - azul, do ar; púrpura, da água; escarlata, do fogo; e de algodão, sendo o produto natural da terra, que eram os símbolos dos quatro elementos.

Os Peruanos tinham quatro símbolos para os quatro elementos; assim como tinham os Chineses. Os Mexicanos tinham quatro grandes idades: a idade da terra, a idade do fogo, a idade do ar e a idade da água, todas elas baseadas no círculo dos quatro quadrantes.

Os ventos dos quatro quadrantes, mencionados por Ezequiel, são os mesmos quatro que os de Homero: Boreas, Eurus, Notus e Zephyrus, N., E., S., O., e esses quatro ventos pela cruz dentro de um círculo, como mostrado à direita. Esse hieróglifo é encontrado no Egito e em Pompéia, no México, na América do Norte, e tem sido chamado de *Cruz dos Quatro Ventos*, sendo identificada pelos quatro pontos cardeais.



Quatro cores também são ligadas aos quatro quadrantes na base representativa do mundo, a partir do qual fluem os quatro rios. No arranjo Maia amarelo é designado para o Leste, vermelho para o Sul, preto para o Oeste e branco para o Norte. Estas quatro cores correspondem às idades denominadas segundo os metais: ouro (amarela), prata (branca), cobre ou bronze (vermelha), e ferro (preta). Novamente os quatro elementos são representados como:

CRESCENTE	-	AR
TRIÂNGULO	-	FOGO
CÍRCULO	-	ÁGUA
QUADRADO	-	TERRA



Os quatro evangelistas eram representados pelas quatro bestas. São Mateus, pelo Homem ou Anjo; São João, pela Águia; São Marcos, pelo Leão; e São Lucas, pelo Touro. Estes quatro atributos dos evangelistas são deixados pelo próprio Cristo nos seguintes versos:

“Quatuor haec Deum signant animalia
Est homo nascendo, vitulusque socer moriendo
Et leo surgendo coelos quilaque petendo;
Nec minus hoc scribas animalia et ipsa figurant.”

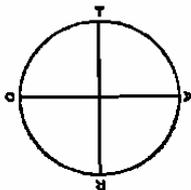


As igrejas, entretanto, parecem não ter entendido claramente, ou, de qualquer modo, esconderam o simbolismo das quatro criaturas e sua conexão com o zodíaco, e prontamente fabricaram uma explicação do significado esotérico da associação das quatro bestas com a Cruz.

Quatro anjos ou espíritos presidiram os quatro cantos do mundo, são eles Miguel, Rafael, Gabriel e Uriel, correspondendo ao Leste, Oeste, Norte e Sul.

Agora, na arquitetura, a idéia dos quatro quadrantes parece ter estado na mente dos construtores. Assim, nos templos e igrejas, o domo era feito representando os céus. A construção quadrada, sob o qual o domo descansava, representava a terra com seus quatro cantos simbolizando os quatro quadrantes. Isto não é o caso apenas na arquitetura puramente Ocidental, onde provavelmente a idéia foi inicialmente formulada, mas encontramos o seu desenvolvimento completo na arquitetura Cristã primitiva, e em nenhum lugar foi mais lindamente ilustrada que nas primeiras igrejas Bizantinas; e isto pode ser também visto em muitas igrejas primitivas Italianas, as quais foram projetadas evidentemente sob o mesmo modelo. Nelas, podemos perceber como as quatro bestas emblemáticas, o Leão, o Touro, a Águia, e o Homem, foram retratados em um firmamento estrelado com a Cruz ao centro do domo. Posso me referir aqui a uma das primeiras igrejas Italianas, São Clemente, em Roma, que foi originalmente erigida no século quarto ou quinto, e foi reconstruída pelo Papa Adriano I, em 790. Nesta igreja, a qual possui a forma de Basílica, existem alguns detalhes curiosos; o altar é colocado na base do *apsis*, ou o que poderia ser chamado de Junção da Cruz, e na nave era colocado o coro, e de cada lado deste, era colocado um púlpito, chamado de “ambo”, de um deles era lida a epístola e do outro era lida a escritura; ao lado do púlpito da escritura ficava um candelabro com um paramento iluminado, como símbolo da religião revelada. Posso também destacar aqui que os fiéis eram divididos em congregação dos homens e das mulheres, os primeiros ocupando o lado Sul e as últimas o lado Norte da igreja. Nós não devemos traçar aqui o simbolismo maçônico dos lados direito e esquerdo.

Ainda chamaria a atenção para uma outra peculiaridade nestas igrejas primitivas, que o chão era de pavimento em forma de mosaico e que um grande círculo de pórfiro (pedra egípcia contendo cristais de feldspato), perto da entrada, indicava o lugar onde o neófito devia fazer sua primeira prostração, e este era chamado “Rota”. Temos aqui o mesmo símbolo como na tétrade misteriosa Rota, Taro, Tora, Ator, de acordo como lemos as letras uma após a outra, e pode ser perguntado se essa “Rota” era sobrevivente do simbolismo solar primitivo, o qual foi implantado posteriormente no cerimonial Cristão.

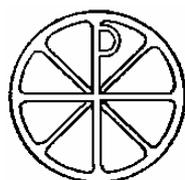


Nestas igrejas primitivas pode ser visto que somente a Cruz em sua forma simples era originalmente representada, ou era associada com o Carneiro, o qual, como no símbolo Templário, carrega o que é conhecido como a “Cruz da Ressurreição”.



Em nenhum lugar das igrejas primitivas encontramos-na na forma de crucifixo que é a *homem na Cruz*, e não foi até o início do século oito, no tempo de Adriano, que a igreja, temendo que a idéia de um Cristo pessoal estivesse em perigo de ser perdida, na grande massa de simbolismo então existente, decretou que Cristo não mais deveria ser retratado como o cordeiro, mas em Sua forma humana na Cruz, e a partir daí originou-se o Crucifixo. A Cruz, entretanto, e o Calvário, ou monte sobre o qual ela foi erigida, tinha sido longa e previamente adotada pelos primitivos Egípcios, e na sua forma simples foi encontrada sobre o peito das múmias Egípcias. Nós não devemos, portanto, olhar para a Cruz meramente como um símbolo Cristão, mas devemos lembrar que nos tempos Pré-Cristãos ela tinha sido adotada como sinal para representar os quatro quadrantes, e o sol como o deus renascido, que tinha cruzado depois de ter descido para dentro das sombras. Neste antigo simbolismo devemos reconhecer um curioso paralelismo com a Cristandade em seus rituais primitivos.

Digno de nota é também o fato, de que nas primitivas igrejas Bizantinas, no chão sob o centro do domo, exatamente no centro da Cruz, havia um ponto tomado especialmente como sagrado. Procopius nos diz que este ponto, em Sta. Sophia, em Constantinopla, era isolado, e somente os padres tinham acesso, e conseqüentemente era chamado de Santuário. Essa idéia de que o centro da Cruz era um ponto sagrado é bem conhecida e pode ser ilustrada por muitos exemplos. O centro da Mesquita de Omar, com a pedra sagrada, possui muitos paralelos em outras igrejas, assim como em outras religiões; mas de todos eles verificamos que o posicionamento da construção possui uma referência direta com os quatro quadrantes, Norte, Sul, Leste e Oeste. Em alguns deles, os fiéis estão voltados para a direção do sol nascente, em outros, seus raios devem entrar pela porta Oeste, e em direção a estes raios devem curvar-se em sagrada reverência; mas em todos os casos as construções foram colocadas de acordo com um reconhecimento da influência solar, e os quatro quadrantes dos céus.



Os primeiros Cristãos compuseram a partir da Cruz, combinada com as letras Gregas *Rho* e *Chi*, o monograma de Cristo, como mostrado à direita. Da mesma forma, o famoso “Labarum” de Constantino foi formado pelas letras *X* e *P* (que são *Chi* e *Rho*) entrelaçadas. O imperador mandou que este sinal fosse segurado contra o céu com a inscrição “Touto nika”, “Por este conquistador.” Mas é relevante notar que o símbolo já existia muito antes do tempo de Constantino.



A Igreja Grega exhibia, de modo análogo, o monograma de Cristo em figuras e durante o ato da benção do padre, quando ele levanta o primeiro dedo simbolizando o I; o segundo dedo levemente curvado forma C (sigma); o terceiro é cruzado pelo polegar, formando X; e o quarto dedo é

levemente dobrado, formando C. Destes é formada a palavra Cristos. A Igreja Latina dá a benção na forma de crucifixo, ou com o primeiro e segundo dedos fechados juntos, e o terceiro e o quarto fechados, o polegar levantado. Dizem que o primeiro e segundo dedo e o polegar indicam a trindade. É curioso observar, nesta conexão, que este sinal tinha um significado totalmente diferente nos tempos Pré-Cristãos. Didron apresenta uma curiosa forma de Cruz que é bastante interessante, e exhibe a inclinação da Igreja primitiva para o misticismo. É formada pelas palavras Lux, Dux, Lex, Rex, colocadas em forma cruzada:



Já me referi à *Swastika* como sendo o sinal da salvação. mas gostaria de me referir ao simbolismo desta forma da Cruz como nos dando a indicação do porque que o centro da Cruz, pelo menos em certas religiões, era considerado como sendo especialmente sagrado. A origem da *Swastika* é bastante fácil de detectar, mesmo nos dias atuais, pois ela representa os dois pedaços de madeira que compõem o *Arani*, cujas extremidades foram curvadas ou inchadas com o propósito de serem pregadas firmemente com quatro pregos. Quando eles foram superpostos, pequenas cavidades foram deixadas nas extremidades, e dentro delas foram colocados pequenos objetos em forma de lancetas, os quais quando rapidamente girados, produziam *Agni* (fogo).

A “Arqueologia Cristã,” diz Burnouf, “é perfeitamente silenciosa sobre a origem do sinal da Cruz, mas os Vedas, e a teoria de *Agni* revelam seu significado primitivo.” A teoria de *Agni* é similar ao simbolismo Cristão inicial do Cordeiro, em conjunto com a Cruz, e é curioso o fato de que parece ser mais do que uma mera semelhança passageira entre os dois; pois, entre os textos das antigas lendas, uma frase como “*Corporis Agni margaritum ingens*” reproduz a fórmula em Sânscrito “*Agni-Kaya-maha-ratnam.*” “A grande jóia do corpo de *Agni*,” essa jóia era encontrada em outras jóias de Cruzes, colocada no ponto em que os dois pedaços da Cruz formam uma intersecção, de modo similar à Rosa no simbolismo Rosacruziano.

Recentemente desenhei para o nosso Colégio um selo o qual irá indicar o que pretendo em relação à Cruz. Deve ser olhado de cima para baixo, e assim poderá ver o *motto* no círculo externo, também poderá notar, no círculo interno, os doze signos do zodíaco no seu arranjo usual: Áries, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão e Virgem, ou, como têm sido chamados, a linha *ascendente* do Macrocosmo no grande círculo, e então chegamos à linha *descendente* do Microcosmo, de Libra para Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes.



Os seis signos da primavera e do verão, formam o Macrocosmo, então vem o ponto de volta, ou “equilíbrio”, para depois atingirmos os signos descendentes ou de outono e de inverno os quais formam o Microcosmo, com os quais, outra vez irá notar, o homem é identificado e salvo pela Cruz no retorno anual do sol. Estes doze signos formam o raio da Roda Mística de Ezequiel.

Provavelmente pode ser mais correto colocar Áries ao lado da mão direita e ler para trás e para baixo, mas como isto teria estragado todo o simbolismo da linha ascendente, como é realmente o

caso na Natureza, prefiro manter a leitura conforme a coloquei em meu desenho. Também se percebe de imediato que dentro do círculo estão as quatro criaturas vivas: o Touro, corresponde a Touro; o Leão, à Leão; a Águia à Escorpião; e o Homem corresponde a Aquário. Se você preferir colocar o Homem e a Águia em cima você deve virar o selo, como se ele se apoiasse no outro lado. Você irá notar que o fundo de cada uma das quatro criaturas vivas tem a sua cor simbólica heraldicamente indicada pelos quatro quadrantes: Preta para o Touro, Vermelha para o Leão, Amarela para a Águia e Branca para o Anjo ou Homem. Estes, nas suas posições relativas representariam Oeste, Sul, Leste e Norte.



Então temos a Cruz indicando também, através dos triângulos, nos seus quatro quadrantes, os quatro elementos de Fogo, Ar, Água e Terra, e no centro procurei indicar a Rosa como nós a entendemos em seu sentido Cabalístico, suas folhas tendo cada uma letra, e estas são como os véus de nuvens do Ain na Cabala, formulando a Sefhira oculta, e concentrando em Kether a primeira Sefhira. Lendo de fora para dentro, temos “Ain Soph Aur,” A Luz Ilimitada. Então na segunda linha “Ain Soph,” O Ilimitado. E “Ain,” A Trindade, concentrando em “Kether,” A Coroa, a Primeira Sefhira.

No desenho não pude indicar a Coroa, a não ser ao contrário; teria preferido tê-la olhado para baixo, mais isso poderia levar à confusão em relação ao símbolo.

Não tenho, presentemente, tempo para me referir mais profundamente à Cruz e seu simbolismo, ou às suas muitas e variadas formas, todas as quais são mais interessantes ao arqueólogo e ao estudante de religiões comparadas; mas não posso concluir este trabalho sem me referir ao curioso fato de que na medida em que uma religião tem sucedido outra, a nova religião retém muitos dos símbolos, muitos dos costumes, e não menos do ritual, da religião que a precedeu.

Nós achamos que os Judeus emprestaram muito dos Egípcios, e que os Cristãos retiveram muito do que era Judeu em seu simbolismo; e nós, mesmo em nossas vidas quotidianas, temos sido submetidos as mesmas influências sem perceber a fonte de onde algum dia elas se originaram. A Cruz mostra isto em grau fortemente marcante, e assim o fazem a maioria de nossos feriados e festivais da igreja, tais como a Páscoa, por exemplo, a qual varia de data de acordo com as posições da lua e do sol, e sua origem vai mais longe do que o tempo de Moisés, sendo baseada em um festival Egípcio de caráter similar a Páscoa dos Hebreus..

O estudo independente de nossos antepassados Ingleses e Escoceses, que lutaram pela nossa liberdade de pensamento na religião, foi realizado mais por uma espécie de instinto intuitivo do que por convicção.

O motivo maior de sua rebelião foi um ritualismo, para eles um formalismo vazio, que continha tantos elementos que se tornava falso em si mesmo, e que realmente tinha uma origem não Cristã. Em muitos casos, entretanto, o que se requeria que adotassem era uma nova adaptação das superstições e símbolos de religiões que a Cristandade, séculos atrás tinha em parte adotado, mas que se supunham totalmente obsoletos. Isto, podemos encontrar ilustrado em pedras esculpidas, em antigos manuscritos, assim como na arquitetura das igrejas primitivas, quando, a religião encontrava-se em estado de transição, e o enxerto do Cristianismo brotava, como folhas novas, do

velho tronco Pagão. Em nenhum lugar isto é mais bem ilustrado do que no simbolismo da Cruz, e, a medida em que investigamos sua história, o estudante pode ver desdobrar-se à sua frente, o desenvolvimento gradual de muitas das crenças, encontradas em sistemas religiosos muito mais primitivos.

É dever do estudante e do pensador, separar o falso do verdadeiro, e lembrar que:

“Primus Sapientiae gradus est, Falsa intelligere”

E nunca se esquecerem de que estes símbolos religiosos, que através de tantas idades, foram sagrados para tantas pessoas em todo o mundo, sempre ocultaram um significado esotérico que expressam grandes princípios, ocultos para o homem comum, mas conhecidos pelos sábios de todas as idades; e eles deveriam também servir para lembrarmos que este simbolismo da Cruz que o homem tem reconhecido, pode apresentar muitas formas, mas, apesar disso, possui o mesmo princípio vital e crença universal, de que há uma existência em um outro mundo e vida além do túmulo, a qual estamos destinados a compartilhar, e da qual a melhor e mais brilhante parte de nosso ser irá despontar, para a vida em eterna comunhão com o Divino.

FIM